

O SIGNIFICADO CULTURAL E RELIGIOSO DAS BENZEÇÕES: Prática e representações de benzedores de João Pinheiro

Giselda Shirley da Silva

Este estudo visa fazer algumas reflexões sobre benzeções e o significado cultural e religioso da arte de benzer em Minas Gerais. O plano de observação é o município de João Pinheiro, noroeste de Minas Gerais entre os anos de 1960 e 2015. O objetivo central é conhecer as representações dos benzedores sobre o benzimento e a relação com a religiosidade, história e cultura local e regional. Buscamos também perceber a relação desse saber fazer com as formas de repasse dessa tradição, o rito, as rezas e a relação com as plantas e os poderes das mesmas para afugentar os males. Buscamos embasamento em autores que partilham do solo da História Cultural e do diálogo com outras áreas do conhecimento. O empírico foi composto de fontes plurais entre os quais destacamos as entrevistas com 10 benzedores que residem no município, documentos do Arquivo Público Municipal “Genésio José Ribeiro” e objetos e plantas e ou imagens de santos usados ou invocados no momento das orações. O objeto foi construído de modo a sondar sentidos possíveis sobre memória, história e identidade

Palavras-chave: religiosidade, benzedores, tradição

Introdução

O noroeste de Minas inclui-se nos sertões do estado mineiro e preserva ainda muitas tradições, saberes e fazeres ensinados/aprendidos ao longo do tempo e repassados por meio da oralidade.

O objeto de estudo são as representações dos benzedores de João Pinheiro acerca de suas práticas em relação à arte de Benzer, buscando perceber os sentidos possíveis relacionados ao benzimento, religiosidade e o uso de ervas para a preservação da saúde, bem como, os traços culturais que estão presentes e demarcam o modo de ver dos narradores.

Observamos que estas práticas estão relacionadas às questões religiosas e aos costumes do mundo rural. Maria Clara Machado (2007) reflete sobre a religiosidade no Brasil e afirma que isso implica em pensar nos deslocamentos de práticas culturais populares do mundo rural para o urbano, provocando mudanças e interações nas vivências relacionadas ao sagrado.

O objetivo do estudo é (re) valorizar as histórias relacionadas à religiosidade e a benzeção como construções simbólicas presentes nas lembranças e narrativas. Buscamos perceber por meio das práticas e representações o significado cultural e religioso das

benzeções, levando em consideração o papel desempenhado pelos benzedores, os tipos de rezas que são praticados, a forma de repasse dos saberes. Buscamos também analisar como estes saberes ligados à religiosidade atuam como instrumentos que viabilizam a construção/reconstrução das identidades culturais.

Representações são aqui entendidas como definiu Pesavento (2004)

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotada de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.

Nesse sentido, procuramos perceber nas representações dos benzedores acerca dos sentidos atribuídos por eles a essa prática, questões relacionadas à memória, identidade, o papel social e cultural na história local.

Ao refletir sobre a religiosidade e a relação com a prática da arte de benzer e curar por meio da fé, muitas inquietações constituíram no eixo norteador do presente estudo, fazendo-nos refletir sobre nas palavras da professora Tereza Negrão: “A inquietação parece ser um atributo daqueles que se dedicam a Clio, se entendemos que reverenciá-la significa sentirmo-nos permanentemente mobilizados por seus apelos, na polifonia dos sentidos que a palavra História encerra” (MELLO, 2.001: 40). Estas inquietações são aqui apresentadas na forma interrogativa: Qual a importância das benzeções no aspecto religioso e no cotidiano dos moradores? Quando e como se aprende o ofício da benzedura? Que representações essas pessoas que benzem veiculam sobre o par saúde-doença e a relação com o aspecto religioso? Qual a relação desse saber fazer com a forma de repasse da tradição.

À luz de referenciais buscados na História Cultural e áreas afins, tendo como suporte empírico fontes plurais que incluem entrevistas com 10 benzedores da cidade de João Pinheiro e documentação obtida em arquivos, o objeto foi construído de modo a sondar sentidos sobre religiosidade, memória e tradição.

Visando conhecer um pouco dessa prática cultural, entendemos ser fundamental conversar com os benzedores e tentar compreender os significados atribuídos por eles a essa prática cultural e religiosa. Nesse sentido, a história oral foi fundamental refletir sobre as considerações de Delgado (2006:16) que escreveu:

Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas em palavras os registros da memória no tempo. São caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir o importante como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo.

Na perspectiva dessa autora a história oral é importante, pois proporciona um duplo aprendizado sobre a época enfocada pela narrativa e o período no qual ela foi colhida/produzida, entrecruzando passado e presente.

João Pinheiro uma breve menção histórica e a contextualização do plano de observação

João Pinheiro é o maior município de Minas Gerais em Extensão territorial abrangendo uma área de 10.727,471 km².¹ Com uma população de 45.260 habitantes, possui a maior parte da população residindo na área urbana composta de 36.761 habitantes e a rural com 8.499.(IBGE, 2010).

O município emancipou-se politicamente em 1911, mas, grande parte da sua população vivia no campo e sua população dependendo de uma economia pautada na pecuária e criação de gado. Havia a predominância de grandes propriedades e muitos moradores do campo eram agregados ou trabalhadores braçais nas fazendas. Distante dos grandes centros e localizado no interior do estado, muitas eram as dificuldades que passava grande parte da população local. Desde a década de 1960 houve um significativo aumento da população urbana João Pinheiro em decorrência de diversos fatores, entre eles, a construção da BR-040 que liga Belo Horizonte a Brasília, causando a migração dos moradores da zona rural para a urbana e a vinda de pessoas de outros municípios, o que possibilitou o seu desenvolvimento.

O Com o advento de Brasília fazia-se necessário ligá-la à antiga capital federal, a cidade do Rio de Janeiro; por isso, visando uni-las, investiram-se

¹ O município possui sete distritos: Caatinga, Cana Brava, Luizlândia do Oeste, Olhos D'água do Oeste, Santa Luzia da Serra, São Sebastião e Veredas. Além dos distritos, possui diversos povoados e vilas: Há também diversos núcleos de pequenos e médios produtores rurais e Assentamentos. (Diagnóstico Habitacional, 2011).

na construção da rodovia BR 040, conectando Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília. O percurso dessa rodovia, rasgando o sertão das Minas, mudou a história do Noroeste mineiro. Um dos nossos narradores nos fala desse tempo: [...] Isso aqui era a maior dificuldade, era uma distância danada. Não tinha asfalto. Num tinha estrada. Num tinha ponte. Para ir para Belo Horizonte a gente gastava 2 a 3 dias de carro. Num tinha nada. Tinha de ir pra Patos de Minas, depois passava para a Serra da Saudade. Nas representações do narrador, compreendemos as dificuldades encontradas no acesso aos centros mais desenvolvidos. Nesse sentido, os municípios “cortados” por esta rodovia seriam beneficiados, viabilizando o transporte e o escoamento da sua produção. Foi construída no município no final da década de 1950 e possibilitou a cidade um impulso rápido após sua construção, distanciando-se urbanisticamente do arraial de outrora: “Muitos eram os viajantes que passavam por ela, fossem com destino ao Rio, Belo Horizonte ou Brasília, atraindo pessoas da região que vieram morar no município”, disse o Sr. João Batista Franco.(SILVA, GONÇALVES e SILVA: 2011)

Com base na descrição acima, observamos que desde a década de 1960 a construção da rodovia ligando a capital federal e a do estado mineiro e o êxodo rural tiveram como consequência direta o crescimento da cidade sede do município e com este fluxo migratório uma diversidade de costumes tradicionais oriundos do campo foram trazidos para a cidade. Entendemos que as tradições se renovam e diversificam, são recriadas ao longo do tempo. Entre essas tradições podemos mencionar o uso da benzeção e das plantas medicinais para a preservação/restituição da saúde.

Esses saberes oriundos do mundo rural foram sendo (re) construídos na cidade com a migração do homem do campo para o meio urbano em busca de melhores condições de vida. Machado (1997) ao dedicar-se a esta temática escreveu que a benzeção e o curandeirismo ainda são práticas religiosas populares que fazem parte do cotidiano, mesmo que estes tenham uma ressignificação. Segundo ela, essas práticas permitem perceber um mundo de magia permeado de rituais simbólicos possibilitando o contato entre o material e o espiritual.

As práticas de benzedura e uso de plantas com fins medicinais são antigas no contexto histórico brasileiro. Elas foram se institucionalizando e adquirindo credibilidade das pessoas que residiam na Colônia, Império e persistindo na República.

Mary Del Priori (1997) analisa como a relação entre o sobrenatural e a medicina popular foi sendo historicamente construída. Ela medita como pessoas desprovidas de recursos da medicina para combater as doenças recorriam às curas informais e aos personagens que possuíam dons de cura ou saberes sobre a utilização de plantas medicinais. A autora relata que um dos fatores que possibilitou essa realidade foi à visão da doença como

fruto de uma ação sobrenatural. Outro fator foi o intercambiar de saberes relacionados ao uso de plantas, minerais e animais, usados na fabricação de remédios, chás, garrafadas, banhos, emplastos. Esses saberes eram vindos da cultura indígena, portuguesa e africana, entrecruzando práticas e crenças. Assim, a arte de curar foi se institucionalizando no combate as doenças, sendo criadas/recriadas e nessa dinâmica constante de transmissão/recepção de saberes que não cessa nunca, há permanências, rupturas e apropriações no cotidiano.

Oliveira afirma ainda que:

E é nesse contexto de trocas sociais mais amplas que essa população subalterna afirma sua identidade de pobre, oprimida, desenraizada e expropriada do saber científico sobre o corpo e as funções vitais. É no próprio modo de produzir as suas medicinas populares que essa população resiste política e culturalmente a opressão imposta pelas classes dominantes. Através da sua vida e dos modos que esta população encontra para lidar com suas doenças é que afirmamos que não há uma única medicina popular. Mas várias, e, em constantes transformações. (OLIVEIRA, 1985:38)

A benção e o uso das plantas medicinais foram se institucionalizando em nossa região da mesma forma que no restante do Brasil, sendo o contexto religioso, histórico, geográfico e o cotidiano dos moradores fatores sumamente importantes para a manutenção das mesmas contribuindo para minimizar as dificuldades encontradas pelos moradores para preservar a saúde no sertão das Minas Gerais.

Há a predominância do catolicismo na região e o papel de liderança exercido pelos benzedores de certa forma marcava o cotidiano das pessoas que viviam no campo. Foi muito importante também a fé nos santos da Igreja Católica, na Virgem Maria e na Santíssima Trindade. Nesse sentido, a concepção da doença numa visão sobrenatural na interligação do espiritual e material. Por isso, um dos pontos de análise na pesquisa é a questão da religiosidade e a íntima relação com a arte de benzer e a necessidade de ajudar o outro.

A fé e o dom de curar

Percebemos que a fé é o motor que move esta prática e a faz dela uma tradição. Os benzedores entrevistados afirmaram que é preciso que o benzedor tenha o dom da cura sendo a fé o elemento fundamental para a pessoa “receber a graça” e poder ser curado. Maria Clara Tomaz Machado fala sobre a questão da fé e dom da cura

O que realmente conta é de um lado a fé e de outro o dom de curar, a premonição, a intuição e a sensibilidade a florada, enunciada. É o mundo da magia expresso por códigos de linguagem, pelo ritual em que o simbólico, o gestual reinaugura o contato entre o material e o espiritual. Não existem testemunhos documentais, provas. É preciso antes de tudo experimentar, ver para crer. (MACHADO, 1197: 234)

Esta inter-relação da fé com a benzeção foi percebida na procura realizada por diferentes pessoas de pelo trabalho do benzedor, bem como, nas entrevistas que foram realizadas durante o período de pesquisa em João Pinheiro.

Na concepção dos benzedores que entrevistamos, eles se vêem como intermediários da cura, pessoas que receberam o dom de Deus para ajudar o outro, pois quem realiza a cura é somente o criador. A prática da benzeção é uso das plantas é mais recorrente entre as pessoas mais idosas, simples e com poucos anos de escolaridade.

Para ser benzedor é preciso ser uma pessoa que tenha fé em Deus, Maria, Jesus e nos Santos. Isto é perceptível nas palavras do Sr. Antonio ao começar sua oração dizendo em voz alta para a pessoa que vai ser benta

Nós vamos começar com a benzeção. Nós vamos pedir a presença aqui da Nossa Senhora da Agonia para retirar a agonia, para nossa Senhora da Saúde. Nossa Senhora dos prazeres para dar muito prazer. A Divina providência vai encaminhando as orações até o pai que vai dar para nós o retorno em benção, paz, saúde e alegria. [...] Para nós fazermos a oração para você, primeiro eu peço permissão para Virgem Maria, seu filho Jesus e os seus assessores para me dar permissão e me ajudar.

O Senhor António é católico, folião de Santos Reis e Vicentino. Grande parte dos benzedores que entrevistamos é católica. Sendo a benzeção um dom que o benzedor possui esta atrelada a prática a gratuidade do ofício. Todos os benzedores entrevistados afirmaram não cobrar nada pelo benzimento, pois o dom é um presente de Deus e que seu ofício é ajudar a todas as pessoas que necessitam das suas orações.

O sentido dessas práticas curativas advém da sua eficácia simbólica que só privilegiam aqueles portadores da fé. Estes agentes religiosos leigos, em contrapartida ao seu poder de cura não podem obter lucro de sua atividade, antes de tudo compartilham com o outro só o seu ritual de magia e preces, mas também a certeza de que para curar o corpo é preciso curar a alma. Para tanto, laços de afetividade e solidariedade se estabelecem e as frustrações, as decepções, a dor e os sofrimentos se articulam numa rede de significados, onde o mal pode ser vencido e a esperança se anuncia. Ao

inverter o caos se ordena a sobrevivência, a continuidade da vida e do grupo.

Procurar o benzedor para ser bento significa uma atitude de fé, mas também uma “prática coletiva de um grupo social do qual faz parte” (MACHADO, 1997:335) Partindo dessa reflexão podemos afirmar que estes saberes e crenças fazem parte de um universo cultural de um grupo sendo historicamente construído.

Para a existência do benzedor, benzedeira é preciso haver uma comunidade que busque pela benção, sendo aqueles que recorrem aos benzedores para serem bentos, pessoas de idades, gênero, nível socioeconômicos e escolaridade diferenciada. Oliveira (1985) ressalta que “a validade da medicina e da religiosidade popular está ligada à eficácia de suas práticas junto á população e as estratégias manipuladas pelos próprios profissionais de cura sobre o seu trabalho”.

Formas de repasse da tradição e o papel social do benzedor

Percebemos a relação do aprendizado com o repasse da tradição ligado ao dom, fé e inspiração divina. O Sr. Antonio Congo contou-nos da sua experiência e como se tornou benzedor:

Foi num tipo um sonho que eu recebi esse comunicado, sabia? Era assim... Eu dormia e uma voz me chamava sabe? Eu pensava assim: Parece que eu estou sonhando. Olhava e não via nada. Isto foi várias vezes dentro de uma noite, mas, foi resumido dentro de uma noite também. Quando falou assim... Que eu poderia ajudar alguém? Falaram para mim... Mas eu falei... Mas como eu posso ajudar? É fácil... Então falou a oração no sonho para mim. Essa oração ninguém sabe. Meu pai não sabia. Muita gente fala completamente diferente. Ela é pequenininha. Não é grande não, pequena.

Observamos nas representações do Sr. Antonio a ligação com o sobrenatural e o interesse em ajudar o outro. Ele nos contou que sua vida é para ajudar as pessoas que dele necessitam. Afirmou que não há dia, momento, lugar que ele se negue a fazer as orações para ajudar a aqueles que o procuram para ser bento.

Os outros benzedores afirmaram ter aprendido com pessoas da sua comunidade ou no seio familiar, como contou o Sr. José Pompiano “Eu era rapazinho lá em Pompéu. Eu trabalhava com um cidadão lá por nome de Senhor Capoeira. E ele me ensinou a benzer cobra. Ele me

ensinou a benzer a pessoa ofendido de cobra.” Observamos também ser a necessidade cotidiana, outro fato de motivação para o aprendizado.

Foi recorrente nas narrativas dos benzedores a concepção de que benzer é um dom divino e que a pessoa que possui o dom não deve negar quando alguém a procura para ser bento. Dona Judite, uma das benzedoras entrevistadas afirmou que à medida que vai praticando o ofício e vendo o resultado de suas orações, adquire mais confiabilidade no seu poder. Ela contou que:

Eu aprendi a benzer porque eu tenho fé e acredito. Depois que eu aprendi fui praticando e tendo mais segurança. A gente benzia... Acho que a que era bom. Agora, não... A gente benze e quem recebe a oração vem e fala assim: Nossa! Mas o fulano dormiu bem. Melhorou. O retorno da pessoa, para falar se a benzeção foi boa, ou não, é muito importante.”

Observamos pelas palavras da benzedora que o retorno das pessoas em relação ao resultado de sua oração é importante para perceber a eficácia simbólica de seu trabalho.

Quando falamos em benzeção nos referimos também estamos falando as orações, fé e religiosidade, mas abordamos também um saber que foi culturalmente sendo repassado através do tempo. Foi perceptível ao longo da pesquisa que o aprendizado possui também tem relação com o contexto cultural e econômico nos qual os benzedores estão inseridos sendo recorrente mencionarem as dificuldades financeiras e a falta de acesso a médicos e

Todos os benzedores relatar sua história de vida mencionou ter nascido no campo e que migraram para a cidade de João Pinheiro na juventude ou depois de adultos. Assim disse o Sr. José Pompiano:

Eu benzi muita gente ofendido de cobra. Eu aprendi... Com o Sr. Capoeira. Nois tava numa região ele subiu na porteira, no moirão da porteira. Ele subiu de um lado e eu subi de outro prá ele me ensinar. Cê vê como era as coisas. Ele deu um assobio, três assobios... Ficou quieto... Quando é fé... As cobras vieram de dentro do mato, do pasto... Saindo da fazenda do homem. Aquilo, eu me invoquei com aquilo. Por isso que eu aprendi a benzer rápido. Que eu invoquei com aquilo. Que aquilo era uma realidade. Antes eu duvidava.

Dona Judite afirmou ter aprendido a benzer com sua avó e que o aprendizado deu-se em decorrência das dificuldades vividas na labuta diária para criar os filhos quando residia no interior do município e o dinheiro e as condições de vida eram muito difíceis.

Eu aprendi com minha avó e acho que minha avó aprendeu com o pai, a avó dela... Não lembro com quem... Mas, foi por causa das dificuldades da vida também. Igual era eu... Foram as dificuldades. Nós tínhamos que atravessar o rio, para ir do outro lado, que era a casa dela, para ela benzer né?

Percebemos que o sagrado foge ao controle do humano, mas no imaginário popular, alguns são intermediários da cura, canais por meio dos quais, Deus concede a Bênção. Esse dom pode ser dado a uma pessoa super-letrada e a uma analfabeta, independente do seu conhecimento escolar. A bênção não está no benzedor. O efeito positivo dela é a fé do penitente ou do paciente, no Deus que tudo pode e no poder do benzedor como canal de bênção. O benzedor no caso é só o mediador, pois quem cura é Deus, a pessoa é só o instrumento usado por ele Sempre à disposição de quem precisa e sem cobrar nada, nossos narradores disseram que “benzer é um dom gratuito de Deus”. Ponderou Dona Judith

Para benzer... Se a pessoa tiver o dom e a vontade de aprender a benzer. A primeira vez que ela faz uma benzeção, ela vê o resultado. E eu vi. Por que quando a pessoa vai benzer e não tem nada, a pessoa não sente nada. Eu, quando eu vou benzer, me dá assim, sabe? Me dá um frio... Sei lá o quê que acontece... Dá só assim aqueles rupiaçõ, né? Se a pessoa tiver muito pesada, a gente benze e fica ruim. É como se puxasse para a gente.

Nesse sentido, disse o Sr. Antônio:

Você não acha bom encontrar a pessoa passando mal. Você acha bom encontrar é a vitória do companheiro. Você benze e amanhã ele te comunicar que melhorou. Dia a dia você quer ajudar. Não sinto cansaço, não sinto preguiça. Eu não ocupação que eu não posso parar e ajudar a pessoa. Se chegar alguém e eu estiver almoçando e alguém chamar, eu volto e largo o prato, vou lá, benzo e depois que a pessoa for embora, eu almoço. Não estou com pressa. Servir o outro. Esse é meu objetivo. Isto já aconteceu várias vezes. Não tem distancia... Não tem hora, não tem dia.

Esses saberes são adquiridos principalmente por meio da oralidade e do exemplo de outros de outros benzedores, atrelado a questão do dom. Segundo eles, o ensinamento se dá principalmente quando o benzedor já sente que está velho e que precisa (re) passar para alguém o ofício. Dona Judith contou que:

Eu ainda não ensinei ninguém a benzer. Ainda não. Só falo assim, igual eu falei para vc. Enquanto a gente tiver dando conta de usar as palavras, a gente não deve passar ensinar para outro. Porque tira a força. Vem um aqui para eu benzer ele e ai ele sai e fala... Olha aquela velha não está com nada mais. Se ensinar, tira a força. Minha avó dizia isso... Se ensinar tira a

força. Minha avó me ensinou, ela estava com uns 90 anos. Ela me falou, Não ensina prá ninguém. Enquanto você estiver bem.

Em relação a esta questão, comentou também o Sr. José Pompiano: “A reza é um segredo né filha? O Senhor Capoeira me ensinou na época dele morrer. Quando a pessoa que sabe benzer e ele vê uma pessoa que ele confia nele para benzer, ele ensina. Na época dele morrer, ele ensina. E ele morre e a pessoa fica com aquele dom de benzer.”.

Conforme foi ensinada a Dona Judith, ao instruir outra pessoa, o benzedor perde a “força” que possui para benzer.

O rito, as rezas e os símbolos usados no momento da oração

A benzeção é um rito, e como tal, repleta de significados e sentidos atribuídos que possuem relação com aspectos religiosos e culturais. Ela se diversifica de lugar para lugar, de tempo em tempo.

O ritual está ligado ao saber fazer, a compreensão de mundo, fé e crença na interligação entre o mundo dos homens e o sobrenatural. Estes significados muitas vezes são incompreendidos por quem não partilha do mesmo entendimento ou valor.

A benzeção é um rito e como um rito ele precisa ser entendido como uma prática social e que se diversifica de lugar para lugar. De região para região, de tempo em tempo.

Buscando compreender esta questão, procuramos descrever a forma como alguns benzedores fazem a benzeção. O Sr. Antônio antes de fazer a oração, pega no seu bolso um cordão e pede a pessoa que irá ser benta para ficar de pé e levantar a mão direita. Com este cordão ele mede da ponta o dedo anelar até o cotovelo e marca com o dedo o local, depois mede de ombro a ombro. Ele mostra a pessoa que há diferença entre as duas medidas em que, quando estas não coincidem citadas. Se não coincidirem estas medidas apresentadas significa que a pessoa está com a “arca caída”. Então ele inicia sua oração utilizando um rosário como objeto simbólico e gesticulando com a mão direita em sinal da cruz e pronunciando suas orações em tom baixo. Ao terminar de fazer a benzeção, ele “tira” novamente as medidas desde o dedo anelar da mão esquerda até o cotovelo e depois de ombro a ombro e mostra para a pessoa que benzeu que a distância entre as duas medidas acabou.

No rito há a utilização de diversos símbolos que possuem significados diversos. Nesse sentido, buscamos embasamento em Turner (2005:49) que afirmou: “Símbolo é uma coisa

encarada pelo consenso geral como tipificando ou representando ou relembrando algo através da posse de qualidades análogas ou por meio de associações, em fatos ou pensamentos”. Nas entrevistas observamos o relato da utilização de diferentes símbolos presentes tanto no momento da benzeção, entre os quais podemos mencionar os santos de devoção nos altares das casas de alguns benzedores, folhas verdes, rosários, terços, diversos objetos de acordo com a tipologia do benzimento, gestos e movimentos. Estes são cheios de significados, misticismo. Podemos entender a importância dos rituais, a disposição do altar, a orientação temporal e espacial dos objetos rituais e simbólicos (velas, faca, novelo, agulha, ramos, toalha branca, santos, imagens, óleos, dentre outros), os movimentos com esses objetos.

O Sr. Antonio usa para benzer grande parte das pessoas que vão a sua casa ramos verdes colhidos por ali mesmo, na porta da sua casa, ou um terço que o mesmo traz sempre no bolso, mas disse que o objeto a ser usado depende do tipo de oração que a pessoa necessita. Dona Dulcinéia afirmou que usa “alecrim, guiné, alecrim, arruda, mamona e também alho. Maria Cleonice nos contou que na oração para retirar verrugas e qualquer protuberância na pele é necessário uma bandeja com cinzas e que ao benzer deve ir passando as mãos sobre ela deixando um rastro, devendo usar também folhas verdes para fazer a oração e uma fita que a pessoa afetada deverá usar. Ela nos contou sobre este rito e disse que uma pessoa com fita em uma das mãos deve perguntar: -

O que corto? E a pessoa afetada responderá: _Verruga (ou qualquer outra protuberância) O benzedor deverá falar: Do osso deu na carne, da carne deu na veia, da veia deu no nervo, do nervo deu no sangue, do sangue deu na pele. Ezipa má, tu vai para nunca mais voltar. Depois deve dizer: Com os poderes de Deus e da virgem Maria (repetir três vezes com ramos verdes em gestos de cruz várias vezes)

Para benzer de cobreiro o Senhor Antônio disse que é necessário usar um canivete, uma faca e um talo de planta, podendo ser o talo do mamoeiro, da mamona entre outros e nos contou o procedimento gestual e simbólico pegando um talo de mamão e cortou em três pedaços de aproximadamente 15 centímetros cada. Ele disse para soltar as mãos e que iria perguntar e eu deveria responder: Disse isso com os talinhos nas mãos: “O que eu corto e você vai me responder cobreiro brabo”. Continuou dizendo: “Assim mesmo eu corto.” (Ele foi fazendo as orações em voz baixa, e gesticulando com os três talos de mamão nas mãos e simbolizando a cruz) Agora nos vamos falar para você ouvir: “Corta a cabeça” (ele pegou as pontas dos três talos que estava em suas mãos e foi fazendo pequenos cortes simbolizando o

corte da cabeça). Ele disse: “esta é à base da oração que nós temos que fazer. Agora veja você como é que é: corto a cabeça, corto o bico.” (ele foi simulando cortes na parte central dos talos usados na oração). “Corto o meio” (virou para a outra extremidade dos pedaços de que estavam em suas mãos e disse: “De novo Né?” (Neste momento ele foi gesticulando em forma de cruz na frente das pessoas que estava sendo benta e com os pauzinhos na mão foi pronunciando as seguintes palavras: “Jesus Cristo nasceu, Jesus Cristo cresceu, Jesus Cristo morreu, mas Jesus Cristo ressuscitou. Pois assim como Jesus Cristo ressuscitou esse mal que se contem Jesus o retirou – seja lá impinge, seja lá o que for.” (nesse momento ele se volta novamente para os três pedaços de talos de mamão que estavam em suas mãos e começa novamente a cortar uma das extremidades. Foi cortando de forma mais rasa as pontas de cima para baixo e foi dizendo: “Corto o rabo e corto as asas. E corto o mal também. Durante a fala ele foi simulando cortes nas laterais dos pedaços que estavam em suas mãos. De novo, a “cabeça outra vez” e foi repetindo o mesmo procedimento. Disse por fim:

Agora nós cortando a cabeça, e cortando o bico, corto o meio, corta o rabo e corta as pernas também. O que sobrou? Nada! Nesse sentido Deus já se retirou. Para onde? Para as ondas do mar sagrado, onde o galo não canta e onde não anda o filho do homem e nem escuta o mugir dos bois. Amém. Agora reza um Pai Nosso e uma Ave Maria.

Ele disse primeiramente ele pede autorização a Virgem Maria e que faz a oração em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ao final da entrevista ele nos ensinou a oração “Cruz de Cristo” que, na sua concepção é muito importante por ser nosso escudo. Ela é um misto de palavras e gesto. Faz o sinal da cruz no rosto na parte superior, depois na parte inferior e do queixo ao peito ao mesmo tempo em que pronuncia as palavras:

Cruz de Cristo está sobre mim e o que me pertence. Quem nela morreu responda por mim e o que me pertence. Meus inimigos não cheguem a mim e o que me pertence. Nem vivo nem morto, nem pagão nem batizado, nem parente ou aderente, amigos ou inimigos. Amém!

Percebemos que a fé nas orações é um poderoso instrumento para a preservação das benzeções. Notamos que as orações são feitas em nome de Deus, Maria, Jesus e de diversos Santos de devoção do benzedor e da tipologia do rito e do mal que a pessoas está acometida. Nesse sentido, ao ser indagado sobre as divindades a quem roga no momento da oração o Sr Antônio contou que há rezas e terços e que estes dependem daquilo que a pessoa necessita.

A pessoa que a gente pede é a Virgem Maria e seu filho Jesus. Agora de cada área tem o seu defensor né? Dependendo do que a pessoa ta sentindo tem um santo. Depende do que for que a pessoa ta sentindo. Veja você como é que é: Por exemplo: Contra raio, relâmpago, trovão, corisco pede para São Jerônimo e Santa Bárbara. Contra bicho rasteiro, São Bento né? Não é só bicho rasteiro não. Qualquer fera, até de dois pés. São Bento é contra qualquer fera que possa te prejudicar. Tem a oração de São Bento e tem até o terço de São Bento. Você já fala falando, porque todo dia eu faço esse terço. Você já reza o terço falando assim: O primeiro Mistério: “Sagrada Santa Cruz será a minha luz”. No Terço de São Bento as dez contas você só fala essa palavra ai. Quando chegar ao Segundo Mistério ai você especifica: Segundo Mistério do Terço de São Bento: “Não seja o dragão o meu guia”. O Terceiro Mistério do terço de São Bento: “Não me ensinar coisa em vã”. As dez contas você repete todas as palavras que eu estou lhe falando. Quarto Mistério do Terço de São Bento: “Afasta-te Satanás”. Quinto Mistério do terço de São Bento. ”Beba ti mesmo o mesmo veneno que tu me ofereces”. Este é o terço de São Bento né?

Entre as orações apresentadas por Maria Cleonice podemos observar que para benzer de quebranto deve rezar um pai nosso, uma Ave Maria, uma Salve Rainha e oferecer para as três pessoas da Santíssima Trindade e fazer o nome do pai sendo assim a oração:

Assim como a água não sente frio, o fogo não sente calor, Jesus não sente dor. Com estas três palavras de Jesus ei de tirar este quebranto que (nome da pessoa) apanhou. Com os poderes de Deus e da Virgem Maria e das pessoas da Santíssima Trindade Pai, Filho e Espírito Santo e faz o gesto de cruz. Todo este mal deve ser curado. Pelas águas salgadas há de ser levado todo este mal que no corpo dele (A) for encontrado. Amém

Maria Cleonice contou também que para curar sapinha reza assim:

Jesus perguntou: O que Pedro?

- Sapinha Senhor.

Com que se cura?

_ Molha com água da fonte e ramo do monte

Rezar três vezes a Ave Maria, três vezes o Pai Nosso e Três vezes Glória ao Pai e oferece para as almas benditas.

Já para rezar de vento virado ela disse que reza primeiramente o Creio em Deus Pai, o Pai Nosso, Ave Maria e Salve Rainha e que depois tem as palavras que devem ser ditas: “Santo Enácio cura cabeça, Santo Anastácio cura os olhos, Virgem Maria cura a barriga, Santo Emídio cura as pernas.” Segundo ela, esta reza deve ser repetida três vezes e depois oferecida para as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima pedindo para curar a do mal que está acometido com os milagres das cinco chagas de nosso Senhor Jesus Cristo e nossa Mãe Virgem Santíssima curai (nome da pessoa).

Interessante notar que há diversos tipos de orações, sendo elas destinadas a pessoas, animais, propriedades. Para abençoar viagens, negócios, etc. Ao benzer pessoas e lugares o benzedor pode estar perto ou distante da pessoa do objeto, local ou pessoa que vai receber as orações. O Sr Antonio afirmou que benze possui “clientes em Nova York e na Espanha, e em muitos lugares do Brasil. “Ele fornece o número do seu telefone e as pessoas ligam pedindo oração. Segundo ele, está sempre pronto a atender aos pedidos. Todavia, só benze antes do por do sol, exceto para atender emergência, ou seja, uma pessoa ofendida de cobra, espinhela caída.

Em relação a picadas de cobra e orações, contou o Sr. José Pompiano: “Graças a Deus, toda pessoa que eu benzi que foi ofendido de cobra, escapou. Eu vou às fazendas, faço uma benzeção ali. Deus ajudando dá certo. [...] Quando as cobras estão demais numa fazenda, eu faço uma benção prá elas, eu mando elas encostarem na beira de um córrego e elas ficam lá.

Desta forma, percebemos que os benzedores se reconhecem como pessoas que tem o dom da cura através das suas orações, reafirmam sua identidade social como benzedores,

Outra questão que é muito interessante é a relação das benzeções com as plantas, sejam para afugentar o mal, sejam para contribuir para restabelecer a saúde.

Em alguns casos quando o mal é físico utilizam-se chás, garrafadas, emplastos e outros tipos de remédios caseiros, às vezes até mesmo de produtos de animais, como gordura de capivara, jacaré, galinha, peixe, mel de abelha, etc. Em outros casos, benzem, usam remédios caseiros, indicam simpatias, banhos. Na realidade estes papéis estão imbricados um no outro. Podemos perceber como estas práticas estão entrelaçadas na prática cotidiana ao refletir nas palavras de Dona Maria², que pratica o ofício de benzedeira na comunidade.

Um outro dia veio uma muié aqui com um menino, ruim, ia até levar prá Pirapora, e pediu pra mim benzer. Ele tava com a espinhela caída. E eu levantei ele e medi primeiro os dois pé dele, tava sobrano dois dedo, passei a mão nos braço dele e um tava maior do que o outro. Peguei no outro pé... Ai levantei ele na toalha, e benzi. Falei que tinha que trazer ele mais umas três vezes que ele ia miorá. E agora vô ensiná uma simpatia pro cês fazer em casa. Que é pra ele miorá de verdade, cês num precisa sair com ele pra fora, que ele vai sarar se ocês fizer direitinho... Pega o pinico.... Que o pinico, ele serve muito de remédio, a hora que ele der aquela provocadeira, que ele sempre ia provocando né? Vocês chega o pinico na boca dele, deixa ele provocar aquela água. o que tiver dentro do estômago. A hora que ele num tiver provocando mais, pega o pinico com aquilo que ele provocou,

² Maria é um pseudônimo utilizado para uma de nossas narradoras que não quis se identificar. Pratica o ofício de benzedeira há muitos anos, e reside na comunidade desde menina. Entrevista concedida em 2006.

leva lá prá fora, põe no terreiro, cavaca ali e despeja aquele trem. Pega a terra, enterra põe ali uns gravetos e põe fogo. “É prá nunca mais”.

No discurso de Dona Maria acerca da benzedura da espinhela caída³ pode-se perceber a existência de um saber popular que no mundo contemporâneo entra em choque com o saber institucionalizado da medicina científica. Através da experiência, ela trabalha baseando-se em indícios, observando, tirando medidas, analisando as evidências e as descrições de seu “cliente”. É um exercício terapêutico e psico-social. Além das orações, ela receitou uma simpatia que completará o trabalho. Somando intuição e experiência é possível conhecer os sinais emitidos pelo corpo humano: apalpando o pulso mede-se a temperatura, a pressão; pela cor da tez e do fundo dos olhos reconhece-se a debilidade do organismo; pelo inchaço das partes a falta de circulação do sangue. O processo de cura leva oito dias em média.

Considerações finais

Ao desenharmos as considerações finais do estudo observamos a preservação/recriação desse saber fazer herdado e repassado através da oralidade. Verificamos também a relação das práticas com a identidade dos benzedores. Percebemos ser esta prática religiosa/cultural importante na identidade cultural do lugar e da nação, constituída de práticas diversas que possibilitam a construção/reconstrução da identidade brasileira por meio da diversidade cultural dos habitantes.

Os ensinamentos (re) passados das gerações mais velhas as mais novas por meio da oralidade e fé/credibilidade a estas práticas atribuídas, fazendo parte das tradições deste Brasil plural. Estas práticas só continuam a existir no seio da cultural, porque encontra credibilidade por meio das pessoas com os quais convivem e que as procuram, sendo a fé um importante requisito. Maria Clara Machado afirmou que “a validade da medicina popular está ligada à eficácia de suas práticas junto á população e as estratégias manipuladas pelos próprios profissionais de cura sobre o seu trabalho” (OLIVEIRA, Op. cit., p. 62). Relacionamos à

³ Segundo uma de nossos narradores que exerce o ofício de benzedor, a espinhela é um ossinho mole, parecendo um nervo que vem do coração. A espinhela caída é por causa de peso que a pessoa pega, pegar muito peso faz a espinhela cair. A pessoa quando esta com a espinhela caída sente dor nas costas, no estômago e nas pernas e cansaço. A pessoa perde as força e tem dificuldade para comer. Cura tomando a medida da pessoa com uma toalha ou linha de algodão, se tiver desigual é porque a pessoa tá com a espinhela caída, então o benzedor reza a oração

permanência destas práticas a questão da fé e crença nas orações e santos a ela dedicados, religiosidade, credibilidade e eficácia das orações e no trabalho dos benzedeiros

Referências Bibliográficas:

DELGADO, Lucilia. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 136 p.

MACHADO, Maria Clara T. **Culturas Populares e Desenvolvimentismo no interior das Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)**. Tese de doutorado –USP, . São Paulo, 1997, p. 234.

MELLO, Maria T. Negrão Ferraz. **Cultura e Representação no Repertório de Xangai**. In: COSTA e MACHADO (orgs) **Imaginário e História**. Brasília: DF. Paralelo 15.1.999.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. 2.002, p. 28 e 72-3.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é Benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PESAVENTO, Sandra J. **Indagações sobre História Cultural**. In: Revista Artcultura. Uberlândia: NEHAC/UFU. Nº. 03, 2004.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. – São Paulo: Contexto, 1.997.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos – aspectos do ritual Ndembu**. Tradução de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2005